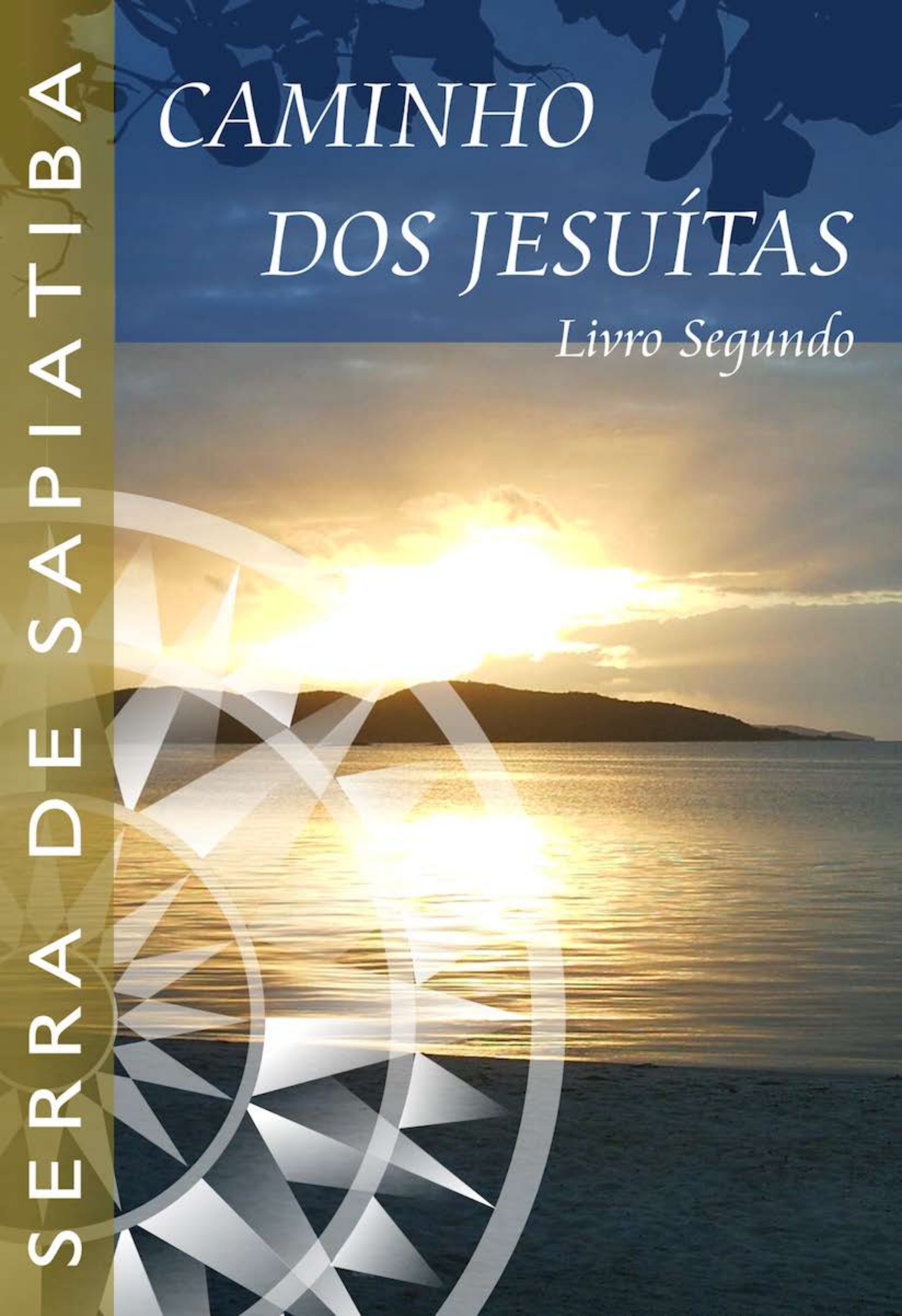




SERRA DE SAPATIBA

CAMINHO DOS JESUÍTAS

Livro Segundo

Editorial

De novo o IPEDS está escrevendo sobre a APA da Serra de Sapiatiba. O interesse despertado com o primeiro Livro e o desenvolvimento do Projeto Conhecer para Preservar, levou-nos a tentar mais uma edição deste mesmo projeto, agora dedicado a mais duas APAs de nossa região.

A proposta atual foi elaborar os Livros e Mapas da APA do Pau-Brasil e da APA da Massambaba, e com especial dedicação buscar apresentar a História dos Jesuítas na Região dos Lagos com ênfase no Caminho que passa pela Sapiatiba até a Serra do Mar. Este não é apenas um caminho físico; é uma trajetória de aprendizagem de novos valores e experiência vitoriosa de evangelização.

O resgate histórico traz informações de interesse cultural, de valorização social da nossa região, mas também traz insumos para roteiros turísticos de forma sustentável.



O IPEDS espera que, além das escolas, também as faculdades e instituições voltadas para o turismo venham a aplicar os conhecimentos que apresentamos. Espera também que todos os moradores das APAs da Região dos Lagos venham a participar da preservação em nome da história, do equilíbrio dos recursos naturais, e da melhor forma de vida para todos e também para seus descendentes.

Letícia Napole

Prefácio

Mons. Valdir Mesquita

O Projeto Conhecer para Preservar da Professora Dalva Mansur visa apresentar a riqueza do patrimônio geológico, ecológico e cultural da região dos Lagos, mais precisamente localizado nas Serras de Sapiatiba e Sapiatiba Mirim.

Percebemos na sua pesquisa a fineza e o cuidado com os detalhes, o que é próprio do estudioso pragmático genético. É bem redigida, o que revela o talento da mulher preocupada com a formação, educação e preservação do meio ambiente na sua biodiversidade.

A Professora nos deixa um riquíssimo estudo que irá ajudar na preservação do meio ambiente da região. Seu Projeto, com certeza, servirá para as futuras gerações tomarem consciência do valor deste Patrimônio.

Certamente sua pesquisa despertará na juventude um desejo ardente, urgente de preservação do meio ambiente. Hoje sabemos que a questão envolvendo o meio ambiente tornou-se algo prioritário para a preservação da nossa própria existência.

Este projeto nos mostra a evolução da história da área de preservação das Serras de Sapiatiba e Sapiatiba Mirim nas suas singularidades.

Assim sendo, nossa gratidão à Professora Dalva Mansur, juntamente com sua equipe por ter-nos proporcionado estas belas páginas com as riquezas históricas, geológicas e ecológicas das Serras de Sapiatiba e Sapiatiba Mirim.

Mons. Valdir Mesquita

Caminho dos Jesuítas na Região dos Lagos

Dalva Rosa Mansur

Considerações Iniciais



Cruzeiro e marco limite da Fazenda Santo Inácio de Campos Novos e Fazenda Sant'Ana de Macaé

Queremos iniciar agradecendo a Deus, que nos permitiu estar neste momento escrevendo sobre a Companhia de Jesus e sua presença na Região dos Lagos.

Esperamos que ao falar na história da Companhia de Jesus na região leste fluminense, Região dos Lagos possamos levar aos jovens conhecimentos que os ajudem a conhecer melhor as cidades em que vivem e desta forma preservar e amar o exemplo deixado por seus fundadores, os Padres da Companhia de Jesus. Mostrar a todos o orgulho da herança Jesuítica que deixou marcas definitivas em todas os lugares por onde passaram, é uma responsabilidade que nós do IPEDS abraçamos com muito amor, humildade e espírito científico e cristão.

Ao nos propormos a escrever, consultamos muitos autores, mas existe uma coleção que consideramos definitiva que é a História da Companhia de Jesus no Brasil, escrita pelo Padre Serafim Leite S.J., importante e completa nos seus estudos, cujo primeiro volume foi impresso em 1938 e o último em 1945, todos impressos pela Imprensa Nacional. Existe também uma edição comemorativa dos 400 anos da Companhia no Brasil impressa em 1949 também pela Imprensa Nacional.

Esta obra foi reimpressa pela Petrobras em 2004, já em edição compactada, mas o mais interessante é que ela pode ser consultada na Biblioteca Municipal de São Pedro da Aldeia.

A Coleção que consultamos está no acervo da Biblioteca Mário Henrique Simonsen, da Fundação Getúlio Vargas.

Também recebemos as Cartas Correspondência Ativa e Passiva do Beato José de Anchieta, compiladas pelo Pe. Hélio Abranches Viotti, S.J, como oferta do Conselho de Canonização do Beto José de Anchieta - CANAN.

Tivemos oportunidade de ler e reler a Chronica da Companhia de Jesu no Estado do Brasil, do Pe. Simão de Vasconcellos. Suas anotações para escrever devem ter sido tomadas durante sua vida como aluno e professor do colégio da Bahia e onde vestiu a roupeta Jesuítica aos dezenove anos em 1616, ao mesmo tempo em que era fundada a Aldeia de São Pedro de Cabo Frio. O Livro tem a data em que assina o pedido de autorização para impressão que é 7 de setembro de 1662, tendo a primeira edição a data de 1665. A edição portuguesa que consultamos é de 1845.

Além destes autores Jesuítas, consultamos Livros de Educação Comparada (Nicholas Hans), História do Brasil (Joaquim Silva), História geral (F.Morales Padrón) História da Igreja no Brasil (HAUCK, Nicholas), e graças à obra do Pe. Serafim Leite chegamos até a Terra Goytacá a partir de Documentos Históricos, do Alberto Lamego, escrita em 1913, onde obtivemos complementos importantes como o mapa da Fazenda Santo Inácio dos Campos Novos.

Também agradecemos ao IPHAN, através do escritório de Cabo Frio, que nos possibilitou receber a cópia da escritura da sesmaria de São Pedro de Cabo Frio e da Fazenda Campos Novos.

Com tantos autores e informações, nosso trabalho foi sintetizar, de forma a tornar a leitura mais rápida e ao mesmo tempo capaz de ser compreendida sem distorcer os fatos. Sempre que consideramos importante recorremos a transcrição dos textos de autores consagrados. As citações são necessárias e esperamos sejam também um caminho para aqueles mais interessados buscarem informações complementares.

Fomos apenas o arauto, trouxemos as notícias. Não somos especialistas apenas pesquisadores e admiradores, querendo trazer à luz informações que vão nos ajudar a conhecer melhor a história desta região e se possível traçar o caminho de turismo religioso e ambiental seguindo os passos e as marcas deixadas pelos Padres da Companhia.

Ao passarem pela Sapiatiba em direção à Serra do Mar, na busca constante de evangelização dos índios, os Padres da Companhia estavam traçando um caminho, que hoje todos nós percorremos em busca de preservação de

matas, encostas e nascentes, parece que eles estão nos apontando sempre:

- esta serra (de Sapiatiba) é bom abrigo nos dias de calor intenso, e também bom ponto de vigilância da Aldeia.

- O rio Grande de Bacaxá abastece toda uma planície e vai formar o Lago de Juturnaíba onde vivem os maiores jacarés que se tem notícia, chamados pelos índios de Ururdú.

- Vejam que belas pescarias se pode fazer na ponta de Búzios.

E no centro de tudo a Igreja de São Pedro, sede da Aldeia de São Pedro de Cabo Frio, eternamente ligada a Fazenda de Santo Inácio dos Campos Novos, de 1761 até hoje ainda não recebeu a devida atenção que ela merece. Parece que sua vida ficou tumultuada desde que foi arrebatada à Companhia, seus sucessores não obtiveram sucesso. Em compensação, todos os Quilombos que por lá se esconderam ficaram protegidos.

Comentam que a fazenda é habitada por fantasmas, mas devem ser anjos que a protegem para não ser ainda mais destruída. Aproveitamos para pedir que a área do entorno e o prédio, sejam restaurados. Perguntamos: quem faria isto? Pedimos sinceramente que ela fique nas mãos de quem a conserve para dela fazer um centro histórico-cultural.

Esperamos que, ao desenvolver a pesquisa científica e ao aplicar seus resultados na educação, possamos contribuir para o desenvolvimento sustentável desta terra pela qual sempre lutamos, terra que nos acolheu tão bem e nos fez aprender tanto.

Agradecemos também a todos aqueles que nos ajudaram na busca de dados e na revisão. Agradecemos a Deus por nosso trabalho e também a inspiração de nosso Beato Padre José de Anchieta, patrono do IPEDS, que como professor e escritor tem nos inspirado sempre.



A Companhia de Jesus



Santo Inácio de Loyola

Antes de iniciarmos nossa história é necessário que falemos um pouco sobre a Companhia de Jesus e seu significado social e educacional, do século XVI ao Século XVIII.

A Companhia de Jesus foi fundada por Santo Inácio de Loyola em 15 de agosto de 1534, em Paris. Santo Inácio era ainda um jovem estudante de família espanhola muito rica, que recebeu formação militar, mas que durante a convalescença de um ferimento se dedicou a leituras religiosas, passando então a rever sua forma de encarar a vida.

Do homem dedicado às coisas mundanas passou a se dedicar a Deus, usou de sua influência e conhecimento para “junto com seus companheiros de estudos, se oferecerem em voto à Deus, destinando-se à conversão dos infiéis (inicialmente pensavam nos sarracenos da palestina)” (VIOTTI, H.A. .S.J. 1984). Assim foi criado o núcleo que veio constituir a Companhia de Jesus, uma entidade religiosa com finalidade evangelizadora, mas com métodos totalmente revolucionários para a época.

Sua formação militar trouxe para a companhia a estrutura administrativa e a disciplina não apenas religiosa, formou os “soldados” de Cristo. Aqueles que combateriam os infiéis com a palavra de Cristo, mas que não podendo se dirigir ao Oriente Médio. Foram então apresentar-se em Roma para outra missão a serviço de Cristo.

Santo Inácio de Loyola desenvolveu exercícios espirituais que levariam força espiritual a seus discípulos. Foi duramente criticado, chegou mesmo a ser questionado pela Inquisição até ser aceito pelo Papa.

Mas, como tudo que é bem feito, no momento de difícil definição para os caminhos da Companhia de Jesus surgiu a solicitação de Dom João III, ao Papa Paulo III, que lhe destinasse os novos Apóstolos de Cristo para os territórios então recém descobertos na Ásia, América e África. (VIOTTI, H.A.)

Então aqueles jovens religiosos e sonhadores ávidos por exercer a evangelização passam a se espalhar pelo novo mundo levando a palavra de Cristo, fazendo educação dos povos recém descobertos, escrevendo livros, dicionários e gramáticas das línguas novas, textos de teatro, músicas, ensinando técnicas agrícolas e aprendendo com os novos povos todas as informações que julgassem importantes para sua missão.

Havia ainda um diferencial na Companhia que era congregar e capitalizar os talentos dos seus irmãos, sendo então um verdadeiro esteio da Cultura Cristã nos séculos XVI a XVIII. Na atualidade, os seus colégios e universidades continuam esta tradição formando homens e mulheres que são capazes de vir a ser governantes, cientistas e artistas como era anteriormente, mas principalmente indivíduos formados dentro da ética cristã.

Desta forma puderam ser sempre os interlocutores entre o conquistador e os povos conquistados. Buscaram levar esperança e compreensão, batizaram, criaram escolas, aldeias, universidades, fundaram ou ajudaram a fundar cidades como Rio, São Paulo, Vitória, São Vicente, Olinda, Salvador, São Pedro da Aldeia, Campos, Niterói, Cabo Frio, etc.

A Companhia de Jesus no Brasil

Os primeiros Religiosos da Companhia de Jesus chegaram ao Brasil em 1549 em navio de Martim Afonso de Souza trazendo consigo o Padre Manoel da Nóbrega Primeiro Provincial da Companhia no Brasil. Pararam primeiro em Salvador e depois vieram para o Rio de Janeiro onde logo iniciaram o trabalho de doutrinação cristã dos Tupiniquins, a nação que já se aproximara dos portugueses.

Vieram nesta expedição, além de Pe. Manoel da Nóbrega, Pe. Antônio Pires, e Pe. Leonardo Nunes, Pe. João Aspilcueta Navarro, Ir. Vicente Rodrigues, e Ir. Diogo Jácome.

Era função da Companhia no Brasil “a aprendizagem da catequese, de trabalho estável pessoal ou de caráter público, e de solidariedade política na defesa contra piratas ou invasores estrangeiros” (LEITE,S, S.J.1939).

Foi Graças à Companhia de Jesus que o Brasil construiu o maior e mais

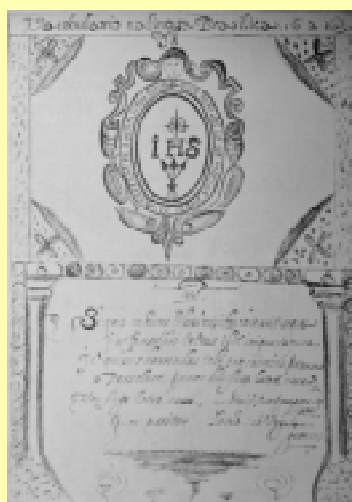
bem estruturado sistema educacional das Américas coloniais. Jesuítas estudaram a língua local e fizeram os primeiros dicionários e gramáticas do novo mundo, alfabetizaram Índios e Africanos, criaram as primeiras faculdades para formar seus discípulos e Escolas para profissionalizarem os nativos e africanos. Trouxeram para o Brasil noções de liberdade e respeito contidas no evangelho. Souberam conhecer e respeitar as tradições dos povos, naquilo que era benéfico à vida cristã.

Estruturaram o abastecimento de Cidades inteiras com suas fazendas. Foram Engenheiros e Arquitetos do País que se formava.

Tinham entre eles profissionais de artes e medicina, e costura, ferreiros e oleiros. Enfim todas as profissões necessárias a se instalar um país que estava nascendo.

Durante o regime do Brasil Colônia o Brasil só poderia comerciar através de Portugal (tratava-se do regime de exclusivo Comercial – HOOARNAET. E. et al 1977), mas a Companhia de Jesus possuía licença do rei para comercializar os próprios produtos, que muitas vezes eram cambiados por outros da própria companhia, mas que em todas as vezes não fazia passar pela coroa os impostos que seriam devidos.

Graças ao barco dos Jesuítas que percorria a costa do Brasil e do Maranhão (nesta época o Maranhão era ainda separado do Brasil - ver Tratado de Tordesilhas) o primeiro sistema de correios veio a funcionar em nosso país levando cartas e encomendas de um porto ao outro.



Fonte: LEITE, S.,
S.J., Volume VI,
1945.

Então, em um momento de crise em Portugal, foi percebido que no Brasil existia uma estrutura autônoma da coroa Portuguesa, embora recebendo dela todo o apoio inclusive financeiro. Neste momento também Portugal tinha problemas com os movimentos de independência que surgiam, paralelos aos movimentos do iluminismo que pairava no mundo e traziam idéias de independência. O poder de Portugal estava sendo questionado. O Poder da Companhia de Jesus também. Os seus produtos não pagavam impostos, e Portugal precisava de dinheiro para restaurar Lisboa do terremoto. Deve ter parecido ao Marquês de Pombal, Ministro Português, que bastava lançar sobre a Companhia de Jesus toda a sua insegurança e avidez, como se isto fosse impedi-lo de reconhecer que a Colônia Brasil estava ficando pronta para se tornar independente. Fato que realmente veio a ocorrer sessenta anos mais tarde, em 1822.

Na verdade a presença da Companhia permitiu a unidade na colonização com absorção dos valores europeus, mas também com a unificação a língua e valores em todo o território nacional formando um todo.

Um Historiador Catedrático de História da Universidade de Sevilha nos diz que uma das causas dos movimentos de independência do novo mundo foi a expulsão dos jesuítas. Ele nos fala em relação à grande moralidade da Companhia “não se vêem entre eles a pouca religião, os escândalos e a distorção de conduta tão comum entre outros” (PADRÓN.F.M, 1962- 80).



E em outra página coloca que, “ao anular a Companhia de Jesus se anulou o elemento mais valioso que mantinha a adesão entre os nativos e a coroa além do que, uma vez expulsos, os Escritores que aqui estavam originaram uma historiografia, que avivava o sentimento americano e de independência” (Idem, 91).

Desenho de caravela usada para navegação na época do Brasil Colônia

Ainda ao falar sobre o Marquês de Pombal, afirma “situado plenamente na corrente do século do Iluminismo, fomentou a emigração, a educação repartiu as terras e suprimiu monopólio, aboliu a inquisição e criou companhias comerciais, e erradamente expulsou os jesuítas, magnífico elemento colonizador”(Ibidem,136).

No que diz respeito à relação entre índios e colonizadores, eram os Jesuítas os interlocutores e negociadores.

Não havia entre os índios ou os colonizadores quem duvidasse ou deixasse de atender a uma solicitação dos Jesuítas.

Eram muitas as expressões de alegria com que cada tribo ou aldeia os recebia, e mesmo os povos mais arredios já os conheciam e sabiam que podiam confiar neles pelas informações que corriam na floresta levadas pelos guerreiros locais.

Os Padres Jesuítas foram o esteio no qual a coroa Portuguesa construiu este país. Acompanharam guerras como padres e confessores, fundaram cidades, construíram fortes e igrejas, administraram fazendas e escolas.

Também em relação aos escravos vindos da África, foram eles quem melhor os tratou. Feitas as devidas discussões se seria ou não lícito ter escravos no trabalho das aldeias, foi chegada a conclusão de que poderia haver, até porque muitas vezes, ao prestar serviço a algum senhor eram eles pagos em escravos, e então tê-los ao abrigo da Companhia era um benefício para os próprios. Os superiores recomendavam constantemente que se tivesse com eles acurada assistência moral e religiosa, com vantagens até no aspecto material: ”Aos moços e escravos da casa ensine-se a doutrina todos os dias, e confessem-se ao menos no Natal e pela Páscoa, tanto os da roça como os de casa.” (LEITE,S.S.J.)

No processo de evangelização foram aproveitados rituais e folguedos das culturas tanto indígenas quanto africanas.

“O genealogista goiano Jarbas Jaime comenta que o remoto costume de se associar folguedos profanos aos festejos religiosos facilitou a conquista do Índio e do Africano para as hostes do catolicismo, e que, introduzido pelos jesuítas, esse sincretismo permitiu-lhes realizar a grande obra de catequese, base de nossa civilização.”(TEIXEIRA, Amélia, H. – 1974).

A obra de traduzir lendas e festas para adapta-las às festas do calendário Católico e assim reforçar aprendizagens e sedimentar novos costumes foi verdadeiramente genial. Em nossa região mesmo temos a lenda de Tzumé

ou Tonzé que prontamente os Padres da Companhia traduziram por São Tomé que teria ensinado aos Nativos os primeiros fundamentos da sua civilização e a noção de um Deus único.

Então, em 1761, todos os Jesuítas que para cá vieram convidados para auxiliar e dar sentido a colonização através da cristianização dos índios, foram expulsos do Território Nacional e nós brasileiros ficamos órfãos de conhecimento, cristandade e educação. Expulsos com a roupa do corpo, sem nem ao menos poderem levar seus documentos e paramentos religiosos. Presos em porões de navios como condenados.

Há uma ordem da época que dizia que todos os melões, repolhos, melancias, deveriam ser cortados para ver se neles não iam escondidos ouro, documentos ou pedras preciosas. “O papel exercido antes pelos Jesuítas, cuja rede de colégios cobria os pontos mais importantes do Litoral não foi assumido por ninguém. O Episcopado continuava pouco numeroso, não acompanhando o aumento da população, a sua influência não era significativa : a maior parte das funções episcopais era exercida pela instituição leiga do Padroado: bispos e sacerdotes encarregados de paróquias eram nomeados e mantidos pelo Rei.”(HAUCK. J. 1977).

Esta foi a situação educacional e religiosa deixada no Brasil com a expulsão dos Jesuítas. Só no primeiro reinado vai pouco a pouco sendo recriado o que se poderia chamar de nova estrutura educacional. Por sua vez a religião católica mantida pelo reis e depois pelo império, fica ligada ao poder local muitas vezes nas mãos dos fazendeiros, o que passa a enfraquecer as suas estruturas, pois são estes que mantém as igrejas nas pequenas povoações. Sendo o número de padres pequeno, são as ordens leigas que mantêm o catolicismo em nosso país. O analfabetismo passou a ser uma regra em todo o território nacional.

E pensar que o próprio Rei de Portugal pediu ao Papa para enviar a Companhia de Jesus para evangelizar e colonizar e educar e assim cumprir a missão da Coroa Portuguesa.

Foi por este motivo que os Jesuítas vieram para o Brasil e, cumprindo esta missão em nossa região, fundaram a aldeia de São Pedro do Cabo Frio e a fazenda de Santo Inácio dos Campos Novos, ambas ponto de partida para nosso roteiro histórico.

O Padre Serafim Leite, falando sobre as obras dos Padres da Companhia nos cita ao transcrever “O amor do Jesuítas não era platônico. Os seus serviços de

caráter nacional, resume-os em 1738 o P. Plácido Nunes:

“Deixando de parte as guerras que os índios aldeados fizeram, do Estado e Coroa de Portugal contra Holandeses, Franceses, Tapuias bravos em Pernambuco, Baía, Rio de Janeiro e Maranhão, pois contam das Histórias: Em nossos tempos todas as Fortalezas, que se acham no Rio de Janeiro (fortalezas de Santa Cruz (Niterói) e de São João (Rio de Janeiro)

na entrada da Guanabara), sendo esta praça ao presente a mais fortificada por parte, que se acha nas Conquistas, foram feitas pelos índios de Cabo Frio (São Pedro da Aldeia, e Campos Novos) e São Barnabé (Cabuçu) e outras aldeias, que em esquadras de cinquenta e sessenta ou mais Índios, alternadamente, se revezavam de dois em dois meses, no serviço de S. Majestade, pelo seu justo estipêndio, como era razão e justiça. Estes mesmos abriram o Caminho Grande, que vai do Rio de Janeiro para Minas até o Rio Paraibuna, em tanta vitalidade do Estado e Reino. Estes os que conduziram todos os materiais e instrumentos para a Casa de Fundação, que sua Majestade mandou Fabricar na Província das Minas. Estes finalmente os que trabalharam o Aqueduto pelo qual se pôs a Água da Carioca (Arcos da Lapa) na Cidade do Rio de Janeiro “²(²Carta do P. Plácido Nunes ao Vice-rei, Conde de Galveias, da Baía, 5 de outubro de 1738, em Estudos Brasileiros)



Fortaleza de Santa Cruz
Arquivo Prefeitura de Niterói



Fortaleza de Santa Cruz
Arquivo Prefeitura de Niterói

A volta da Companhia de Jesus se faz no ano de 1841, já no Segundo Império, e retornam com toda a capacidade que até hoje conhecemos, mas a história que vamos contar é a antiga, a história que estava esquecida e que significa a base da formação do Estado do Brasil, no nosso caso a formação da Região dos Lagos.

Padres da Companhia



Padre José de
Anchieta S.J.



Padre Manoel
da Nóbrega S.J.

Muitos foram os nomes de Padres importantes dentro da nossa formação como país. O Padre Manoel da Nóbrega S. J., nascido em Sanfins do Douro em 18 de outubro de 1517 e falecido no Rio de Janeiro no mesmo dia em 1570, foi o Primeiro Jesuíta que aqui chegou coordenando o grupo que aportou em 1549 junto com Martim Afonso de Souza. Dedicou-se inteiramente ao Brasil sendo o Primeiro Provincial da Companhia no Brasil lugar que só deixou quando sua saúde não mais o permitia. Muito caminhou por estas matas, foi fundador de São Paulo e do Rio de Janeiro, junto com o Padre José de Anchieta S.J.

O Beato José de Anchieta, nascido em 1534 (ano de Fundação da Ordem) aqui chegou aos 19 anos em 1553 ainda como noviço. Veio com o navio de D. Duarte da Costa aportando primeiro em Salvador e depois dirigindo-se para a Capitania de São Vicente, onde em 25 de janeiro de 1554 participou da fundação do Colégio de São Paulo, esteio da fundação da maior cidade da América do Sul. Esta foi a terceira expedição que veio trazendo jesuítas. Em 20 de janeiro de 1565 participou como religioso, junto com o Padre Manoel da Nóbrega da fundação da Cidade do Rio de Janeiro.

Só em 1565 depois da fundação da cidade do Rio retorna a Salvador para então concluir seus estudos e tomar os votos definitivos em 1566.

Além de atuar junto com os diversos sacerdotes entre eles o Padre Manoel da Nóbrega o Padre Luiz da Grã e o Pe. Gonçalo de Oliveira que mais tarde vai ser o primeiro superior da aldeia de São Pedro.

Também o Beato José de Anchieta escreveu o primeira gramática e dicionário da língua tupi, que até hoje é utilizado para pesquisas de nomes e locais, escreveu também inúmeros autos para teatro além disto era também poeta.

O Pe. José de Anchieta e o Pe. Manoel da Nóbrega chegaram até a se oferecer como reféns em uma negociação durante um período em que os Tamoios viviam a atacar as povoações portuguesas.

Na verdade foi durante os meses em que se tornou refém que o Beato José de Anchieta escreveu nas areias da praia o seu Poema à Virgem, obra prima da língua latina e portuguesa.

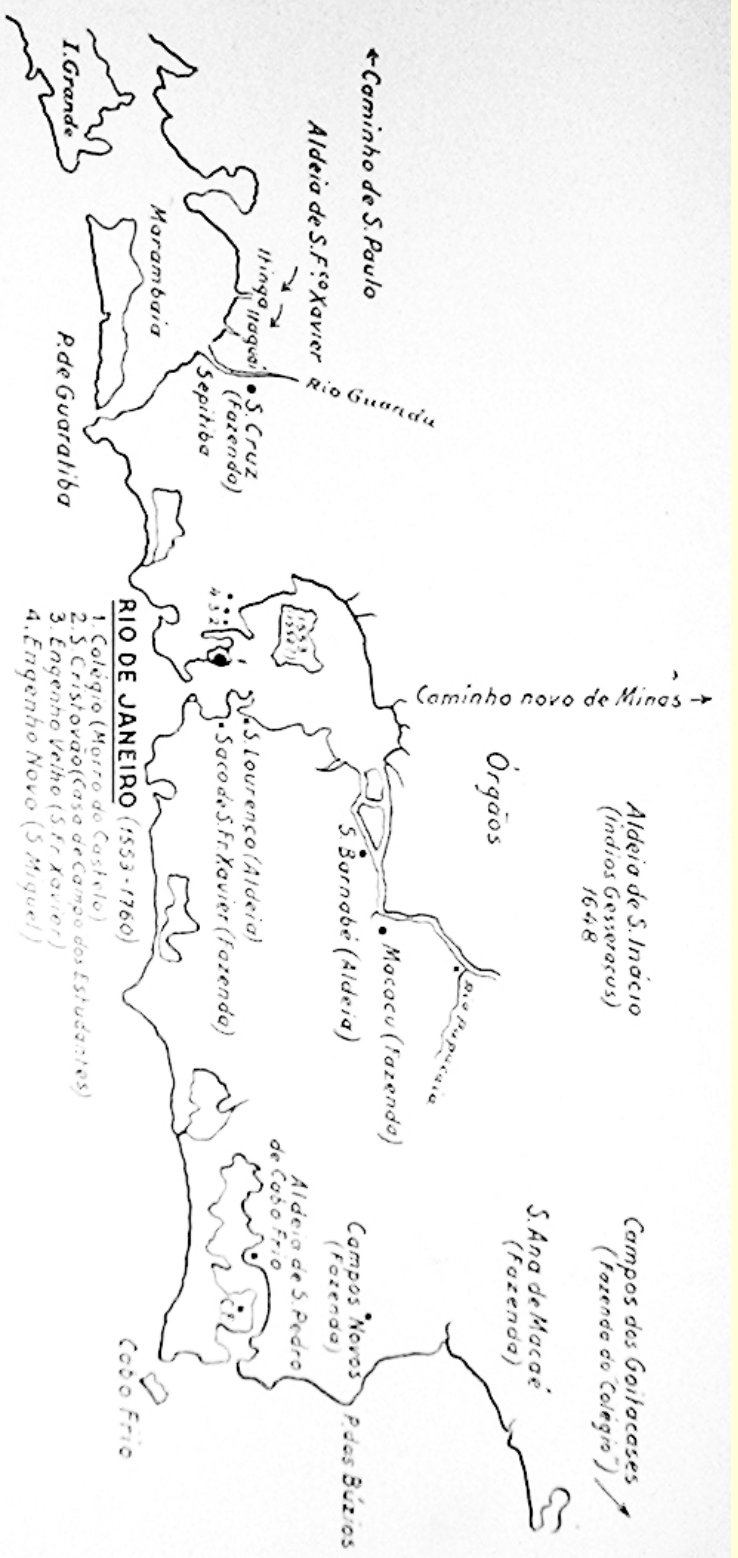
Durante sua vida praticou como enfermeiro, era hábil em ervas e unguentos, e aprendeu com os índios a fazer sandálias de palha (sisal e taboa), que segundo sua opinião eram mais adequadas ao clima local e a andar pelas florestas do que as botinas de couro que vinham da Europa, (Pe. Vasconcellos. S.J. 1565) e por isto se tornou sapateiro de todos os seus companheiros.

O Beato Anchieta "acompanhou em 1575 os expedicionários de São Vicente que vieram para ajudar a campanha realizada pelo Governador Antonio de Salema a Cabo Frio"(VIOTTL.H.A.S.J. 1984). Quis a sorte que, na divisa com o Rio, o Beato Anchieta deixa o grupo para retornar a Bertioiga e com isto não sofreu a dor de ter visto o que por aqui ocorreu, e como foram dizimados os Tamoios.

As atividades da Companhia de Jesus no Estado do Rio de Janeiro.

Observe bem o mapa do Estado do Rio de Janeiro. O que hoje é um estado antes eram duas capitanias, ao sul a Capitania de Martim Afonso de Souza, que realmente veio e fundou cidades sempre com o apoio da Companhia de Jesus.

Ao norte do Rio ficava a capitania de Pero Góis, e depois seu sucessor Gil Góis, que nunca conseguiram tomar conta do que receberam graças aos índios ferozes que lá moravam Tamoios e Goytacazes. Esta capitania chamada de São Tomé ou do Parahyba, então em 1619 passa para a coroa, depois de indenização aos donos, mas desde 1617 já estavam aqui os Jesuítas



Os Jesuítas no Rio de Janeiro

Conforme a "Carta da Costa do Brasil ao Meridiano do Rio de Janeiro desde a Barra da Marambaya até Cabo Frio, pelos P.P. Diogo Soares e Domingos Capacy S. J. geógrafos Regios no Estado do Brasil" (AHC, Rio de Janeiro, 311), e outros documentos.

Suas aldeias ficavam junto às aldeias dos padres, e eram administradas por eles mesmos, aliás um detalhe, nas aldeias fundadas pelos Jesuítas, a administração local era feita por um índio já convertido ou mameluco, o que dava o cunho do respeito à cultura local e a suas leis de respeito aos mais velhos e sábios. Então os padres administravam a evangelização, a educação, as festas de santos, teatros, hospitais, enfermarias, boticas, as fazendas deixando a administração das cidades, aos locais que cuidavam do transito de cavalos e carros de bois é claro, da alimentação, de receber os visitantes, de resolver os problemas diários, da segurança contra ataques, mas sempre em contato direto com os padres responsáveis por toda a obra.

De Cabo Frio à Guanabara (local onde foi fundada a cidade do Rio de Janeiro) vemos apenas 160 km de costa longa, sem refúgios para armadas. Pense nos navios de então, caravelas que precisavam de refúgio contra ventos fortes, que já chegavam com o pessoal cansado e então o que se fazia era parar no Cabo Frio para depois continuar viagem, e dali ir ao Rio de Janeiro.

Neste local denominado Cabo Frio, (Cabo - pedaço proeminente da terra, pode ser um ângulo acentuado do continente, pode ser uma parte extrema) formado pelas rochas da ponta do Atalaia e Frio porque era época de vento quando por aqui passou Américo Vespúcio em 1503 verificando a costa do País recém descoberto, quando parou no local que hoje é a cidade de Arraial do Cabo, e assim o chamou de Cabo Frio.

Os Corsários e piratas franceses haviam então se organizado e construído o forte (Casa da Pedra) hoje o Forte São Mateus em local abrigado, rico em Pau-Brasil que eles trocavam por ninharias (contas, espelhos, facas e alguns outros instrumentos) com os índios Tamoios, moradores da região.

“Como no Brasil nos primeiros cinquenta anos só havia uma profissão, a de “Brasileiro” ou negociante de Pau-Brasil, toda a atenção dos Colonizadores era naturalmente voltada para a arte de transformar o Índio em “Brasileiro” (HOONAERT, E 1977. pag. 255).

Além disso, também descansavam e se armavam junto com os tamoios para atacar os Portugueses na Baía de Guanabara.

Durante a fundação da Cidade do Rio de Janeiro, os franceses foram expulsos definitivamente da Guanabara, passando então a ter apenas Cabo Frio como local de apoio e esconderijo para novos ataques aos Portugueses e aos Tupiniquins, Nação que lutava contra os Tamoios e que se tornou aliada dos Portugueses.

Acima do limite da capitania de São Tomé, se inicia a capitania de Vasco Leitão da Cunha que vem tomar o nome de Espírito Santo.

Lá encontramos a aldeia de Reritiba, cidade onde faleceu o Beato P. José de Anchieta aos 64 anos, hoje cidade de Anchieta, ao sul do Espírito. A cidade é muito bonita, o conjunto arquitetônico formado pela capela e residência é igual ao de São Pedro da Aldeia. Ambas são exemplo da arquitetura Jesuítica do século XVII e XVIII. Também em Vitória vemos o mesmo conjunto se reproduzir, mais sofisticado, sendo porém obra que segue o mesmo conceito. Este conjunto arquitetônico, pode ser ampliado ou reduzido, dependendo dos recursos locais e da quantidade de pessoas que lá trabalhavam. Todos estes conjuntos são hoje patrimônio tombado pela União ou pelos Estados e Municípios.

Também foram os índios das Aldeias de São Pedro que construíram as fortalezas de Santa Cruz (Niterói) e de São João (Rio de Janeiro) na entrada da Guanabara, além do Aqueduto da Carioca.

A importância de Cabo Frio para a segurança da Província do Rio de Janeiro

Vamos de novo observar o mapa do Estado do Rio de Janeiro. Vejam a costa. Cabo Frio temos algum apoio para navios que vem de alto mar (lembrem-se as caravelas levavam dois meses entre Portugal e Brasil com bons ventos), depois de Cabo Frio temos apenas o Rio de Janeiro, na Guanabara vamos de novo ter abrigo para armadas.

Então na época o Cabo Frio (que na verdade era toda a extensão que hoje compreende de Arraial do Cabo, Cabo Frio, São Pedro, Búzios e até Iguaçu).

Damos uma descrição do Padre Simão de Vasconcellos “É Cabo Frio paragem notável em toda a costa: está em altura de vinte e três grãos: tem junto a si um saco ou baía, obra particular da natureza, cavada como de propósito entre o duro de uma penedra, que lhe serve de muro e fortaleza em sua entrada: está lançada ao comprido: é capaz de grandes armadas que ficam dentro com em uma casa. Defendidas de todas as injúrias dos ventos, com uma só barra para o mar. As águas desta desde janeiro até ao fim do mês de fevereiro se vem coalhadas em suas margens e seios mais secretos, e transformadas em perfeito sal em tanta quantidade que basta a carregar muitas e grandes naus.”

Estão reconhecendo a descrição? Esta é uma visão poética da lagoa de Araruama e do seu entorno.

Toda esta beleza estava tomada pelos brasileiros, que comerciavam o Pau-Brasil com os Corsários Franceses.

Então para proteger a cidade do Rio de Janeiro é que foi organizada a expedição comandada pelo então Governador do Rio de Janeiro Antônio de Salema ao Cabo Frio.

A Morte dos Tamoios

Na região do Cabo Frio moravam os Tamoios, índios ferozes e grandes antropófagos, maiores comedores de gente segundo os próprios jesuítas apenas os goytacazes, mas os tamoios era ferozes, brasileiros (vendedores de Pau-Brasil) e amigos dos piratas e corsários franceses que insistiam em atacar sistematicamente a cidade do Rio de Janeiro.

Em 1565 foi fundada a Cidade do Rio de Janeiro e expulsos os franceses, mas mesmo assim os estes continuavam refugiados no Cabo Frio e apoiados pelos Tamoios com quem negociavam.

Por isto em 1575, no dia de São Pedro e São Paulo (29 de junho) dia em que os tamoios prenderam e comeram alguns índios moradores no Rio de Janeiro, foi organizada uma milícia formada por portugueses e índios sob o comando do então Governador do Rio de Janeiro Antônio de Salema. Esta expedição dirigiu-se para a região denominada de Cabo Frio para guerrear e vencer os Tamoios.

Além de Salema também vieram Cristóvão de Barros, e os descendentes de João Ramalho. Temos o número de pessoas que vieram fazer a guerra “quatrocentos portugueses e setecentos índios amigos” (LEITE, Pe.S. 1938- livro I).

Para auxiliar neste empreendimento veio também uma milícia de São Vicente formada pelos filhos de João Ramalho e mais alguns índios para ajudar (Antônio de Macedo e João Fernandes, filhos de João Ramalho, buscaram 20 mancebos), aliás combina muito bem com locais depois escolhidos pelos dois. Seria então João Fernandes que fica com a praia em Búzios e Antonio de Macedo que fica com o morro de Macedo na Sapiatiba - ver carta apócrifa) – (VIOTTI, H.A.S.J. 1984). Este grupo foi acompanhado pelo Pe José de Anchieta até Bertioja, onde ele ficou para acompanhar os índios que estava catequizando, livrando-se de estar presente em um momento tão definitivo mas triste para nossa história.

Então em 28 de agosto de 1575, partiu do Rio de Janeiro a expedição para dar fim aos Tamoios. Parte veio por mar, e parte veio por terra. Foram acompanhando a expedição os jesuítas Pe. Baltazar Álvares e Ir. Gonçalo Luiz. Que ia ministrando os ofícios e sacramentos, e confessando aqueles que necessitavam.

Dia 12 de setembro chegaram então a uma aldeia onde os tamoios já tinham feito grandes preparos para a guerra eminente. Junto com eles dois franceses e um inglês.

A cada dia lá chegavam mais tamoios de outras aldeias. E assim calcula-se que estariam lá 1000 índios flecheiros, mais mulheres e crianças.

O governador resolveu que iria fazer cerco para que eles não tivessem água, sabendo que sem água os índios ficam tristes e abatidos, por seu hábito de a tudo tomarem banho e se lavarem várias vezes por dia.

Contam os relatos que até um pajé fez pajelança para que chovesse, e como “Deus sentiu pena do Tamoios” e deixou que chovesse, estiveram os índios por alguns dias renovados por poderem tomar banho.

Bem após isto alguns fugiram, e outros estavam também a ver como o fariam também.

Então o Governador disse ao Padre que fosse falar com os chefes e lhes dissesse que ele queria negociar.

Assim dia 21 de setembro o padre dirigiu-se à cerca para dizer que queria falar com o chefe.

Os índios, é claro, confiavam nos padres da companhia, e ficaram na escuta.

O padre aproveitou para dizer que tudo que estava acontecendo era castigo divino, que eles não os ouviam e continuavam a fazer o que não deviam (a comer gente, atacar as cidades, matar outros sem motivo, etc.).

O seu principal disse, então, que estava muito escuro e que na manhã seguinte iria falar com o padre.

A noite foi tranqüila segundo relatos da época.

22/09 - Pela manhã estava o padre a rezar missa quando os índios viram um padre secular e a ele se dirigiam. O Índio que veio falar era Abaré, filho do cacique.

Levado até ao padre Baltazar, este pediu ao Abaré que chamasse seu pai para conversarem. Logo chegou o cacique Japu-guaçu, chegou e logo falou ao governador que iria lhe entregar os dois franceses e o inglês para negociar.

23/09 - No dia seguinte o Governador Salema os mandou enforcar!

O Padre conta que os confessou e morreram como bons cristãos encomendando sua alma a Deus, especialmente o inglês.

24/09 - Bem, voltando ao governador: não contente com isto mandou ao índio que derrubasse a cerca para então conversarem. Os índios então

concordaram e logo erigiram uma Cruz, imaginando que ao verem a cruz dentro de sua aldeia os portugueses não fariam mal ao grupo.

25/09 - Então o governador pediu que o principal Japu-Guaçu entregasse todos aqueles que vieram de fora para ajudar , e ele entregou achando que se livraria daquela situação.

Todos os entregues foram logo amarrados. Eram em torno de quinhentos homens.

26/09 - O governador disse ao Chefe Tamoio que gostaria de dar liberdade a seus filhos, mulheres e parentes, mas que o resto seriam escravos, se não quisesse isto então se defendesse.

Vendo que já estava cercado o principal concordou e assim em 27 de setembro de 1575 os portugueses entraram na aldeia. E no dia seguinte deu o governador a ordem para que morressem todos os quinhentos que estavam amarrados e que tivessem mais de 20 anos.

Segundo informações dos Padres presentes, causou grande tristeza ao ver tão grande carnificina, sem nada poder fazer.



Último Tamoio, quadro de Rodolfo Amoêdo.

Foto: Rembrandt. In IBGE, 1943.

Além de ver ainda repartidas as famílias dos mortos, entre os portugueses, uns levando as mães e outros levando os filhos, e assim destruindo toda a nação Tamoio. Muitos fugiram para os matos. Também não tiveram sorte pois Antônio de Salema foi em sua captura e, dizem, foram 4000 índios capturados, sem contar aqueles que foram mortos que seriam mais de 1000. Fala-se ainda de que havia navios franceses ancorados. Provavelmente devem ter levantado âncoras.

Parece que os que ficaram vivos foram para as aldeias de São Barnabé e São Lourenço, além dos que foram para São Vicente. O principal conseguiu a sua liberdade e a da sua família.

O relato completo está na Anua de 1576 escrita pelo padre Inácio Tolosa, e que é transcrita pelo Pe. Serafim Leite. É este texto que usamos para sintetizar aqui e que pode ser lido na íntegra no Livro IV, capítulo IV no Tomo I da História da Companhia de Jesus no Brasil.

Fundação de São Pedro de Cabo Frio

Foi tão horrível esta matança que apenas um destacamento de 24 homens ficou na região, acreditamos que no forte tomado aos franceses. Toda a região torna-se um deserto tão inóspito que os piratas franceses voltaram a atracar seus navios por aqui para cortar e levar pau-brasil, mesmo sem os Tamoios, e depois de descansados tentar atacar o Rio de Janeiro de novo.

Queremos lembrar que estamos na área da capitania de Pero Góis que tendo tentado por duas vezes penetrar na área dos Tamoios e dos Goytacazes não chegou para habitá-la, graças a ferocidades destes índios, devolvendo à coroa as terras em 1619.

Esta capitania tinha 30 léguas de costa, e ficava dividida entre a fazenda Campos Novos (hoje Cabo Frio, Rio das Ostras, Silva Jardim, Casemiro de Abreu), a fazenda Macaé (atual Macaé), e a área dada aos sete capitães, depois compreendendo os municípios de Itabapoana, (Fazenda de Campos) Campos, Quissamã e Carapebus.

Vejam o mapa na pág. 23.

Foi chamada de Capitania de São Tomé graças ao Cabo de São Tomé local que, segundo dizem os índios, surgiu o Tonzé ou PAYE-Tomé, ou ainda Tzumé, homem branco que falava de um deus único e que ensinou tudo que os índios sabiam. Os Padre da companhia levantaram a hipótese de que seria o Apóstolo São Tomé, que aqui poderia ter estado ([ver mais em lendas APA Pau-Brasil](#)).



- A. V MARCO DO VIVENDA
 - B. N MARCO DAS DATAS NASCENDEZ
 - C. E MARCO DAS DATAS QUE PU-SERAM DEPOIS
 - D. RIO PARAYBA
 - E. RIO IGUASSÚ
 - F. PONTA DE SÃO TOMÉ
 - G. RIO DO FURADO
 - H. PONTA DE CARAPEBUS
 - I. LAGOA DE CARAPEBUS
 - L. RIO DE MACAÉ
 - M. IGREJA DE STA ANNA
 - N. VILLA DE S. SALVADOR
 - M VILLA DE SÃO JOÃO
 - P RIO MURIAE
 - Q. RIO IRURAERY
 - R. R. MACBÚ
 - S. LAGOA FEYA
 - T. LAGOINHA
 - V. RIO DE SÃO PEDRO
 - X ALDEIA DE GUARAE
 - Z. FAZENDA DO VISCONTE
 - A LAGOA BOASSICA
 - B. RIO DAS OSTRAS
 - C. RIO DE SÃO JOÃO
 - D. RIO DE UNA
 - E. PONTA DE CABO FRIO
 - F. CIDADE DE CABO FRIO
 - G. LAGOA DE SAQUAREMA
 - H. PONTA NEGRA
 - I. IGREJA E LAGOA DE MARICÁ
 - L BARRA DO RIO DE JANEIRO
- ⊕ Marcos dos Padres Da Companhia desde Cabo frio até a barra de Macaé : Mede 16 léguas de costa e vinte de sertão

Então para repovoar a região foram convocados os Padres da Companhia inicialmente para virem com alguns índios. Tendo então a Companhia de Jesus através de seus superiores aceito o encargo, foram iniciados os preparativos. Nesta época o Padre João de Mattos estava como reitor do Colégio do Rio de Janeiro, a quem eram subordinadas as aldeias do Rio, São Vicente, São Tomé e Espírito Santo e o Padre Pero de Toledo como Provincial (responsável pela província) do Brasil.

Foi então entregue ao Pe. João Lobato o encargo de elaborar o projeto de fundação.

A idéia inicial seria uma aldeia em Macaé, e outra no Rio Peruípe na Baía Formosa (Búzios).

Então o Padre João Lobato chega a conclusão que os índios de São Barnabé e da aldeia de São Lourenço, não seriam suficientes. Seriam necessários pelo menos 500 índios para povoar a região, e assim decidiram que o grupo viria do Espírito Santo, coordenado pelo Padre Gonçalo de Oliveira, que veio a ser o primeiro superior da Aldeia de São Pedro e depois falecido em 1620.

Foram estabelecidas as áreas da aldeia de São Pedro de Cabo Frio, e as áreas que caberiam aos índios (dois terços) - já que os padres exigiam que houvesse determinação das terras que serviriam a aldeia e que seriam para uso exclusivo das aldeias de índios.

Foi trazida do Espírito Santo a tribo de um índio Maracajáguacu (Gato Grande) já batizado e cristão chamado Vasco Coutinho, e do Rio de Janeiro veio um Índio também Cristão chamado Arariabóia (filho do primeiro Araribóia) também batizado como Martim Afonso. Trouxeram suas famílias e fundaram suas aldeias. Maracajáguacu era devoto de Nossa Senhora da Conceição e Araribóia era devoto de São João (acreditamos que por isto temos por aqui Igrejas de Nossa Senhora da Conceição e de São João próximas umas das outras em várias localidades). Acreditamos inclusive que eram as de Barra de São João e Rio das Ostras, já que o importante naquele momento era ocupar a costa e observá-la do alto. Por isto, São Pedro da Aldeia e a Fazenda ficavam em lugares altos, protegidos, mas de fácil acesso e foi assim que se iniciou o repovoamento não deixando que a região do Cabo Frio caísse de novo na mão dos franceses que aqui se escondiam para atacar a Cidade do Rio de Janeiro.

E foi assim que no final de maio de 1617 chegam e são recebidos com grande alegria pelo Capitão de Cabo Frio Estevam Gomes para fundar a Aldeia de São Pedro de Cabo Frio (LEITE.S. 1939 S.J.).

Após rezada a missa, dirigiram-se para a colina onde ficaria a sede,

situada a duas léguas. Assim foi fundada a aldeia tendo como padroeiro São Pedro já que era tempo de festas do Santo. Em setembro foi fundado o Forte Santo Inácio (que ficava a duas léguas (11km) da colina da aldeia - ainda estamos tentando localizar este forte) e logo depois em novembro foi fundada a aldeia de Santana de Cabo Frio (13 de novembro).

“Vieram os índios do Espírito Santo. E fundou-se a Aldeia de São Pedro em 1617, pouco depois o Forte Santo Inácio (Setembro), e logo a seguir a Cidade de Cabo Frio (13 de novembro)”(LEITE,S. S.J.).

O ano não foi de chuva, e mesmo tendo logo plantado, a fome foi grande. Os índios se dispersaram para criar suas aldeias e procurar alimentos. O grupo conta que jejuou na quaresma. As casas e igreja foram logo construídas. Se a situação era difícil - secas, pântanos que na verdade ajudavam na segurança - eram extremamente compensadores os resultados, pois os franceses apenas tentaram atacar uma vez, foram dispersados e não mais voltaram.

A aldeia prosperava.

Em 1657 a aldeia desdobrou-se em duas: São Pedro e Cabo Frio, para voltar a ser apenas uma São Pedro de Cabo Frio. Já antes destas havia uma aldeia na ponta de Búzios famosa por suas pescarias. “Talvez a divisão que houve foi para distinguir esta Aldeia de Búzios da Aldeia de São Pedro de Cabo Frio.” (Leite, S.S.J).

A Construção da Igreja de São Pedro

Foto Arquivo Turismo



Igreja de São Pedro

No tocante à arquitetura, onde a quase totalidade dos prédios construídos pelos Jesuítas hoje é parte do Patrimônio Histórico, tombados ou pelo estado ou pela Nação. Restava descobrir a autoria do projeto e o ano da construção da Igreja de São Pedro e logo da Casa e Igreja da Fazenda Campos Novos.

Percebemos logo que o projeto de São Pedro e o de Reritiba (Anchieta) e Vitória, eram semelhantes. No caso de Anchieta e São Pedro eram iguais, de forma espelhada. E isto foi feito pelas características do terreno, a descida para a água onde chegava o barco em São Pedro se fazia pela direita na parte de trás e em Anchieta se fazia pela esquerda na parte de trás (mais tarde encontra-se também uma descida da ladeira pela lateral direita em Anchieta).

Sempre imaginamos que deveria haver um projeto comum ou um arquiteto comum, até porque a padronização e a norma são uma característica importante da administração da Companhia.

Então vale reproduzir este resumo que nos apresenta o Padre Serafim Leite.

“Nalgumas terras, foram os Jesuítas os inauguradores da arquitetura tanto religiosa como civil. Em São Paulo por exemplo, com o P. Afonso Braz. O mesmo Afonso Braz trabalhou no Espírito Santo: e Antonio Pires em Pernambuco e Baía...

No século XVI o homem dado exclusivamente como arquiteto é Francisco Dias, Irmão que já tinha trabalhado na construção da célebre igreja de São Roque em Lisboa. Veio de propósito para dirigir os serviços de construção no Brasil, e evitar que sucedessem planos e planos, conforme ao gosto pessoal e nem sempre competente dos superiores. Conta o Visitador Cristóvão de Gouveia ao P. Geral: “parecendo a V.P., não se devia admitir dispensa nos traçados que se fizeram com muito cuidado e acordo do Irmão Francisco Dias, arquiteto”(C.A.431). A ele se deve o plano do colégio da Baía e da maior parte dos edifícios da companhia, construídos no Brasil no último quartel do século XVI. Nestas Construções tomavam parte os padres que “andavam de quando em quando com pilão nas mãos”(C.A.400-401).



Aldeia de Reritiba - Hoje Cidade de Anchieta,
por ter nela falecido, em 1597, o Ven. Jesuíta -
LEITE S.S.J. 1945

Sobre o Irmão
Arquiteto Francisco
Dias de Mercenara
(Alencer) encontramos
esse interessante texto.

“É famoso Arquiteto
das igrejas da Companhia
no século XVI entre as
quais a do Colégio de
Olinda, ainda hoje
existente, e considerada o
mais antigo monumento
arquitetônico da
Companhia no Brasil.

Francisco Dias começou a governar o navio da Província por 1581 e foi piloto durante 38 anos seguidos até 1618, em que pela idade, já octagenário, ficou no colégio do Rio de Janeiro, a dirigir a oficina de carpintaria e entalhe, onde faleceu a 1 de janeiro de 1633 com 94 anos de idade. Piloto sem nunca padecer naufrágio ficou patrono dos Padres da Companhia que andavam sobre as águas do mar e a quem recorriam em ocasião de tormenta.”(Leite. S. S.J.)

Imaginamos então que o Irmão arquiteto percorria a costa como piloto do navio da Companhia e levava também os projetos das construções daquele período. Esta era uma forma de maximizar o conhecimento colocando o arquiteto como piloto do navio. Além de conduzir o navio, conduzia também a arte da arquitetura nas diversas cidades por onde ia passando.

No caso específico da Igreja de Nossa Senhora da Assunção de Reritiba (Anchieta) e que estava sendo construída no final de 1597 (ano em que o Padre Anchieta faleceu e que por estar ainda em construção, ele foi enterrado em Vitória), tinha como seu Superior na época da construção o Padre André de Almeida. Este mesmo Padre vem para a Aldeia de São Pedro da Cabo Frio em 1619 para ser então seu superior, e provavelmente foi nesta época que foi iniciada a construção da Igreja de São Pedro que é em tudo igual à da Aldeia de Reritiba - aproveitando a planta já aprovada do Partido das Três Naves - 100 braças de comprido, 40 de largura e 45 de altura.

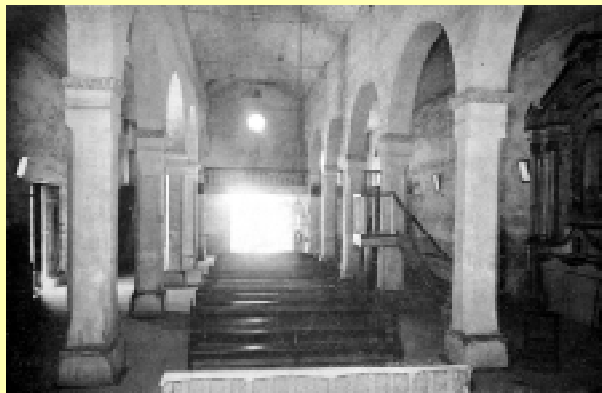
A construção atual da residência (prédio onde funcionava igreja, colégio e residência) data de 1723. A sua construção total pode ter demorado, já que ocorria conforme a disponibilidade de tempo e condições financeiras, mas segue sempre o projeto original. Encontramos um texto de 1818 dizendo que a igreja terminou de construir há 80 anos. Então seria 1738 (Saint-Hilaire, Auguste, 1818).

A residência anexa à Igreja e construída depois ostenta no cunhal a data de 1723 (portanto se já era uma reconstrução tudo indica que a construção inicial foi bem antes).



Igreja de São Pedro - São Pedro da Aldeia
LEITE S. S.J. 1945

A capela menor na frente do prédio principal leva a data de 1913 e, em formato e tamanho, também lembra a capela de Nossa Senhora da Assunção, em Reritiba. Foi construída enquanto a igreja original era destruída pelo tempo. O tombamento da Igreja e prédio do convento é de 1938, e depois foi restaurada pelo IPHAN em 1994.



Interior da Igreja da Aldeia de Reritiba
(Anchieta) S.L., 1945.

A Fazenda Santo Inácio dos Campos Novos

Para manter as aldeias era necessário então que se criassem estruturas para melhorar as condições de todos e manter a vigilância contra os piratas e corsários, além de prover área para agricultura e espaço para os índios que estavam se chegando para ficarem próximos à aldeia e assim foi criada a fazenda Campos Novos, em 1623.

“Nas terras do Colégio anexas à Aldeia de São Pedro de Cabo Frio (a terça das doações acrescidas das terras compradas a Generosa Salgado, Viúva de um dos filhos de João Ramalho), fundaram os padres a Residência e Igreja de Santo Inácio, que só tomou incremento nos fins do século XVII, e para se distinguir da Fazenda de Campos, já anteriormente em laboração, se chamou Fazenda Santo Inácio dos Campos Novos”. (LEITE,S.1938)

A Fazenda iniciava na Aldeia de São Pedro de Cabo Frio, e se estendia por 16 léguas pela costa (até Macaé), e com medida de 20 léguas terra a dentro (até a Serra do Mar). Hoje podemos medir a distância entre Macaé e Cabo Frio, fazendo a conta a partir do trevo de São Pedro (seguindo pela RJ 106), e a distância entre a Serra do Mar e o trevo de São Pedro fazendo o percurso pela Rua do Fogo (limite da APA da Serra de Sapiatiba), RJ140. Lembramos que a légua tinha 5500 metros, então é só fazer a conta. A légua de costa é diferente e mede 6500 metros. A légua de sesmaria é uma légua quadrada que tem 4531ha. (HOLANDA, A.B.2000)

Esta fazenda, que só vai ser incrementada realmente no século XVII, e segundo relatos da época tem um desempenho excelente, torna-se campo de policultura, abastece a aldeia de São Pedro e o colégio do Rio de Janeiro. De gado, tem apenas 1600 cabeças, que se mantém até ao final, mas era tal a sua produção de aipim, milho, cana, que para o escoamento e melhoria dos campos fez-se um canal que em 1726 o Governador Luiz Vaia Monteiro cita como modelo de outro que queria fazer na Guanabara. O canal tem uma légua de comprido (5500m) e é navegável em lanchas, servindo para escoar a produção, e drenar os pântanos em torno da sede da fazenda, na bacia do rio Una.

Este canal está entre as obras de uma arquitetura voltada para a preservação sanitária e segurança das cidades. Neste sentido foram construídos os canais e dragagem de rios para escoar a produção entre Campos e Macaé, e no Rio Una para escoar a fazenda Campos Novos, o aqueduto da Lapa obra realizada para trazer o rio Carioca até o alto do Morro do Castelo, onde ficava inicialmente a cidade do Rio de Janeiro, e nela o Colégio do Rio sede da Companhia no Rio de Janeiro, além do Aqueduto dos Padres na Fazenda de Nova Iguaçu.

A grande área da fazenda possibilitou ser ela local para trazerem diversas tribos que estavam se chegando para ter a proteção dos padres ou que queriam se converter ao cristianismo.

Foto Dalva Mansur



Fazenda Campos Novos

Já em 1619 vieram os Padres André de Almeida S.J. (Superior de Reritiba e que se tornou depois também o superior de São Pedro de Cabo Frio) e Pero da Mota que acreditamos era ainda Irmão. Ainda em 1619 o Padre João Lobato S.J. partiu da Aldeia de São Pedro, para Sant'ana de Macaé e dali para Campos. Quando estava em Macaé fez aproximação com Goitacases e Tamoios, fazendo inclusive as pazes entre os dois grupos, que estavam em guerra.

Os Goitacases vieram apresentar amizade e foram feitas trocas de presentes. Os Tamoios estavam muito desconfiados e ainda viviam escondidos pelos matos, como resultado da mortandade de 1575, pois ainda se lembravam do fato, mas após um mês de procura, surgiram quatro Tamoios, que ao saber dos padres que a paz era reinante, acabaram em concordar em fazer pazes com os Goitacases.

Destes dois grupos, os Goitacases, passaram a visitar a aldeia de São Pedro e os Tamoios dirigiram-se depois para a mesma aldeia para ficar também sob a proteção dos Jesuítas.

No ano seguinte vêm mais dois padres para estudar a língua e tratar com os Goitacases que estavam se chegando.

Em 1648 chegam à aldeia do Cabo Frio os Índios Gessaruçus. Vieram de uma região a oeste da serra dos órgãos entre o Piabanha e Paraíba. A expedição para trazer a tribo que já manifestara o desejo de vir para São Pedro durou de 13 de julho a 1 de agosto, dia em que chegaram. Foi muita a alegria dos índios, que eram mais de 400, mas também depois foram até outras aldeias dos Puris e Manipapes. Aos cinco de agosto fizeram nestas paragens a primeira missa, e logo depois retornaram. Ao retornarem e tendo por ajuda um índio da nação Guarumirim, que lhes servia de tradutor, foram os índios aldeados. Na oportunidade foi-lhes entregue farinha para alimento e lhes dada terra para arar. Ainda em 1648 aparecem os índios Guaçuruçus, também de perto do registro do Parayba. Então além dos Tupinambás do Rio e dos Temininós do Espírito Santo iniciais, havia os Goitacases e os Tamoios que sobraram, os Guarumirins, os Guaruaçus ou Guaçuruçus, todos do Rio Paraíba, que ao que parece deveria ser o limite da Fazenda Santo Inácio dos Campos Novos.

Ao serem expulsos os jesuítas da Aldeia de São Pedro de Cabo Frio, e do Brasil em 1561, havia na aldeia 1250 índios.

Os últimos Jesuítas que lá viviam foram Pe. Atanásio Gomes S. J. e Diogo Teixeira S. J. e Irmão Manoel Francisco S. J..

Também encontramos na lista de 1757 da Fazenda Campos Novos, Padre Manoel de Andrade S. J.- Superior, Fr. Manoel Francisco S. J. - Irmão, P. Manuel da Silva S. J. - Irmão.

Vamos reproduzir aqui textos contidos na pagina 129 do Tomo VI livro I capitulo V da História da Companhia de Jesus no Brasil, do Padre Serafim Leite. “E, importa dizê-lo, nem tudo foram ingratidões”. Saint-Hilare, que passou pela Aldeia de São Pedro de Cabo Frio, a propósito da qual falamos dos Gessaruçus, conta o que ali achou depois da saída dos Padres, e examina a situação em que ficaram os Índios do Brasil, mas tem uma informação que encerra também o último ato dos Jesuítas na Aldeia de São Pedro:

“Os Padres da Companhia, nome que a maioria dos Brasileiros dão aos Jesuítas, eram extremamente amados pelos Índios, e uma velha mulher quase centenária, que os havia conhecido, contava-me que, quando eles foram forçados a deixar a Aldeia, todos os habitantes choravam”¹.

(¹Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil, 305).

Foto Dalva Mansur



Fazenda Campos Novos

Em 1759 quando foi arrancada à companhia de Jesus, a fazenda passou a mãos de particulares, mas como posseiros, não chegando a ser feita doação.

Podemos observar no mapa que a Lagoa de Araruama era então muito mais aberta na sua barra para o mar.

No mapa da página 23, vemos a área abrangida pela fazenda Campos Novos, o forte de Santo Inácio, (LAMEGO, A. 1913).

BIBLIOGRAFIA

HANS, Nicholas – Educação Comparada, tradução de Pereira José S. de C. - Companhia editora Nacional – 1961 - São Paulo

HOONAERT, Eduardo et al – História da Igreja no Brasil – Tomo II - Editora Vozes – Petrópolis 1977.

LAMEGO, Alberto – A Terra Goytacá – à luz de documentos inéditos, Edition D'art – Paris -1913.

LEITE, Pe. Serafim, S.J. - História da Companhia de Jesus no Brasil, Instituto Nacional do Livro, Imprensa Nacional Ed. Conjunta - Livraria Civilização Brasileira, Rio de Janeiro / Livraria Portugália Lisboa Tomos I ao X - anos 1938 a 1949.

PADRÓN, F. Morais – Manual de Historia Universal – Tomo VI História General de América – Espasa-Calpe, - Madrid – 1962

TEIXEIRA, Amália, H. – Folia do Divino em Natividade em Goiás- Revista Brasileira de Folclore, ano 13, nº39, pag. 22 MEC- RJ 1974.

VASCONCELLOS, Pe. Simão de S.J. - Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil – Segunda edição Editor A. J. Fernandes Lopes, 1845 - Lisboa

VIOTTI, Pe. Hélio Abranches, S.J. – Cartas – Correspondência Ativa e Passiva do Padre José de Anchieta, S.J. – Edições Loyola São Paulo 1984.

Animais silvestres encontrados na Sapiatiba hoje e o que conta a história

Dalva Rosa Mansur e Cecília Bueno

Um dos grandes interesses dos Padres da Companhia de Jesus era descrever, para efeitos de registro e orientação, para todos aqueles que precisassem dos recursos naturais do novo país, que se descortinava através de suas entradas de evangelização.

Portanto, quanto projetamos nosso trabalho, e nos propusemos a identificar os animais silvestres ainda existentes na Sapiatiba, resolvemos que também iríamos levantar os animais observados através da lente dos jesuítas, que os haviam observado no século XVI.

Enquanto a observação deles se fazia a olho nu, e sempre cheia de observações sobre a personalidade do animal - o que é importante para quem anda no mato - a nossa se faz através de fotografia, com o uso de armadilha fotográfica. Mas também tivemos a oportunidade de observar, frente a frente, alguns animais durante as operações de colocação das armadilhas. A colocação da armadilha fotográfica foi feita por Isaura Silva e Dalva Mansur.

Neste capítulo são apresentadas as observações do Beato José de Anchieta e nossas visualizações atuais. A descrição dos registros atuais foi feita pela Professora Cecília Bueno, Doutora em Ciências e pesquisadora da área de Biologia da Conservação.

Este é um trabalho lento e metódico, pois a armadilha tem que ficar no mesmo local por pelo menos 8 dias.

O local é demarcado e georreferenciado. A armadilha fotográfica é fotografada depois de instalada (Figura 1).



Foto Cecília Bueno

Figura 1: Trap camera colocada em Sapiatiba.

Seguindo as especificações do fabricante, a armadilha foi colocada primeiro na fazenda da UFF, em local de acesso restrito, graças ao apoio de seu administrador Sr. Ricardo e seu auxiliar Sr. Edvaldo. Depois foi colocada no sítio do Padre João na Sapiatiba Mirim, onde continua até hoje, pois continuaremos o projeto de investigação por pelo menos mais um ano, visto os poucos dados atuais sobre a fauna da região.

As fotos são difíceis, o animal não posa, passa pela frente, muitas vezes correndo. Às vezes apenas um flanco, às vezes uma cauda, o que dificulta a identificação e exige mais tempo de pesquisas.

Muitas vezes se passavam oito dias para obter duas fotos, de costas, mas a pesquisa não desiste, vive de espera, insistência e observação. Até o momento não conseguimos fotos nítidas de nenhum animal, por isto não aparecem aqui, mas já temos indicações. A armadilha fotográfica está montada desde de agosto de 2006 e, como já foi dito, continua até hoje.

Os nomes de todos os colaboradores estão no final do trabalho, e desde já, queremos agradecer a todos pela apoio, interesse e incentivo, pois sem eles não seria possível o nosso trabalho.

O texto que se segue foi selecionado entre os trabalhos do Beato José de Anchieta, na época ainda Irmão, em carta dirigida ao Geral da Companhia Padre Diogo Laínes, em Roma, datada de 31 de maio de 1560. A carta chama-se "Carta Sobre as Coisas Naturais de São Vicente" e, embora pela data, foi escrita de São Vicente, a primeira vila fundada. A carta traz uma descrição da Mata Atlântica, de forma geral, na área de São Paulo e Rio de Janeiro, área até então freqüentada pelos Padres da Companhia no mister de evangelização. A carta consta do livro *Cartas – Correspondência Ativa e Passiva*, coletada e comentada pelo Pe. Hélio Abranches Viotti, S.J., Editora Loyola São Paulo, 1984.

Este texto serviu de orientação para muitos outros Jesuítas que sucederam ao Beato José de Anchieta. Ele inicia falando da localização, clima, vegetação, águas doces e salgadas, e depois, entra na descrição dos animais silvestres. Desta descrição escrevemos sobre os animais que ainda existem na região. Os trechos do texto do padre que foram retirados para compor este capítulo se encontram em *itálico*.

7- ...também há lagartos, igualmente fluviais, a que chamam jacaré, de tão grande corpulência que podem engolir um homem, cobertos de duríssimas escamas e armados de agudíssimos dentes. Passam a vida na água, algumas vezes saem à margem, onde acontece que os matam enquanto dormem não sem grande trabalho e perigo, como é óbvio em tamanho animal. As suas carnes são próprias para comer, cheiram a almíscar, em particular nos testículos, onde sobretudo está a força do cheiro.

Alberto Lamego, em seu livro "A Terra Goitacá", cita em um trecho: "Eu vi em uma lagoa do rio São Francisco a caveira de um Jacaré que tinha dois palmos e meio de comprimento, desde as ventas até ao cachaço. O corpo devia ter 20 palmos de comprimento, só o corpo exceto a cauda. Sebastião Gago da Câmara, fidalgo muito instruído que V.V. bem conheceis nesta terra, foi o primeiro que me disse que para as bandas da Capitania de Cabo Frio, donde ele é natural, havia um disforme peixe que tragava bois inteiros chamado de Ururdu. Dirigi-me ao Colégio e o Pe. Francisco de Lima que assistia nas missões dos Goiytacases há muitos anos, me acabou de intruir no quesito, dizendo-me que se chamava urudu, uma espécie que há de gigantescos jacarés, nas lagoas d'aqueles sertões. Estes monstros só moram em lagoas mais fundas. No sertão das terras da aldeia de São Pedro em Cabo Frio, 20 legoas distantes da Lagoa Feia, e 8 da dita aldeia está a Lagoa Nhetoronya-aba, que quer dizer lago medonho ou mal assombrado e na verdade o é, porque tem de fundo mais de 20 palmos e está todo cercado de altas serras e espessas matas virgens. Deságua esta lagoa no lago de São João que vae ter ao mar e nella desembocam dois rios menores um o Baecaxará e o outro o Capivary. É muito abundante de peixe, lontras, jacaré e toda a casta de aves aquáticas o que tudo serve de pasto aos voracíssimos urudus desta lagôa. Me segurou o Padre Francisco de Lima que ouvira os bramidos de um delles afirmando-me que os escutara como trovões surdos. Informaram os índios que eram urros da fera e deviam dali fugir, como o fizeram a toda pressa."

Na Sapiatiba havia dois jacarés que eram cuidados pelo Sr. Vital, em uma lagoa natural que sobrou na região, de onde ambos foram retirados na última enchente em 2004, por terem ido parar dentro de uma piscina de um condomínio. Na oportunidade foi dito que eram jacarés-de-papo-amarelo, mas isto não foi confirmado até o momento. Os bombeiros os levaram para o Jardim Zoológico.

8- Há outros animais de gênero anfíbio, de nome capivara, isto é "que pastam ervas", não muito diferentes dos porcos, de cor tirante a ruivo, dentes como os da lebre, exceto os molares, parte dos quais se fixam nas mandíbulas, parte no meio do céu da boca; e carecem de cauda; pastam ervas, donde lhes vem o nome. São próprios para comer, domesticam-se e criam-se em casa como cães, saem a pastar e voltam a casa por si mesmos.

O texto acima se refere às capivaras. As capivaras eram abundantes na Sapiatiba, pois até deram nome à estrada, à lagoa e ao pântano que lhe servem de limite em Iguaba Grande. A capivara é um mamífero (*Hydrochoerus hydrochaeris*), o maior roedor vivente e, atualizando as informações citadas acima, seus incisivos são grandes e medem, cada um, mais de 1 cm de largura, na superfície cortante. Os incisivos crescem sem parar, como os de

qualquer roedor, e podem medir até 7 cm se não forem desgastados, coisa que a capivara consegue mordiscando pedras e troncos de árvore. Este grande animal se alimenta quase exclusivamente de capinas e prefere grama curta, porque seus dentes permitem cortar folhas e talos bem rentes ao solo. Gosta de mergulhar e comer algas que crescem nas pedras.



Foto Dalva Mansur

Capivara
(*Hydrochoerus hydrochaeris*)

10- Seria longo mencionar os gêneros de caranguejos, as suas variedades e diversas formas. Não falo nos terrestres, que vivem em cavernas subterrâneas que eles para si mesmo cavam, e que por toda a parte em grande número e não somente aqui, se encontram, de cor esverdeada, e muitos maiores que os aquáticos. Dos aquáticos, uns vivem sempre dentro da água, aos quais a natureza deu os braços de trás espalmados, próprios para nadar; outros abrem cavidades nos esteiros, e parte destes têm pernas vermelhas e corpo negro, parte tiram a cor azulada e têm pelos, e parte possuem uma cabeça quase igual a todo corpo e outra cabeça em proporção do corpo.

11- “Quanto aos que vivem na terra, há os que são desconhecidos nessa parte do mundo. E em primeiro lugar há os diversos gêneros de cobras venenosas. Uma chama-se jararaca, muitíssimo freqüente nos campos, nos matos e nas próprias casas, onde não raro as encontramos, e cuja mordedura mata no espaço de vinte e quatro horas, ainda que às vezes aplicando-se remédio se escapa à morte. E acontece entre os índios que, se são mordidos e escapam à morte e tornam a ser mordidos, não só não correm perigo de vida, mas também sentem menos dor, como mais de uma de uma vez experimentamos. Outro gênero se chama boicininga, isto é “cobra que soa”, que tem na cauda um cascavel que soa quando ataca alguma coisa. Vivem nos campos em cavidades debaixo da terra. No tempo da procriação atacam os homens e rastejam pela erva com saltos tão rápidos que os índios dizem que voam. Quando mordem, acabou-se, paralisam o ouvido, a vista, o andar e todos os movimentos, só fica a dor e o sentimento do veneno difundido por todo o corpo até que no espaço de vinte e quatro horas se expira. E no entanto, a estas cobras e quase todas as outras, os índios, cortada a cabeça, torram ao fogo e comem, nem poupam os sapos, largatos, ratos e outros deste jaez.

Há outras admiravelmente pintadas de diversas cores, negra, branca e vermelha, semelhante ao coral, que se chamam ibibobóca, que quer dizer “terra cavada”, porque rojando furam a terra como toupeiras. Estas são as mais peçonhentas de todas e portanto as mais raras. Há outras que os índios chamam boiquatiára, isto é “cobras pinta-

das”, por causa da sua pintura de diversas cores, e também são mortíferas. Há outras, quase iguais às jararacas, e se chamam boipéba, isto é, “cobras chatas”, porque quando lhe tocam, se fazem mais largas, e também são mortíferas. Há outras que se chamam bóiroçanga, isto é, “cobras frias”, porque a sua mordedura causa grande frio no corpo, e estas são maiores do que as outras, embora menos venenosas (não matam). Estas têm toda a boca armada de dentes agudos, ao contrário das outras que só têm quatro dentes, curvos e tão delgados e escondidos, que se não se examinar com cuidado parece que não os têm, e neles está a peçonha. Todas estas (exceto as não venenosas, muito abundantes e variadas) são tão freqüentes que não se pode viajar sem perigo. Vimos cães, porcos e outros animais, sobreviver apenas seis ou sete horas à mordedura. Não raro passamos os mesmos perigos que os, por dever de ofício, andam dumas vilas para as outras e as achamos nos caminhos. Uma vez, com outro irmão, voltando para Piratininga duma povoação de portugueses, aonde a obediência mandou doutrinar, achei no caminho uma cobra enroscada e benzendo-me primeiro, lhe dei com o bordão e a matei. Quase sem demora começaram três ou quatro pequenas a arrastar-se no chão, e admirando-me eu, donde teriam vindo tão de repente estas que antes não se viam. Logo começaram a sair outras do ventre materno, e sacudindo o cadáver saiu o resto da ninhada até o número de onze, todas com vida e perfeitas, exceto duas. E ouvi dizer, a pessoas fidedignas, de outra cobra em cujo ventre se acharam mais de quarenta. Entre tão grande e tão freqüente quantidade, Deus tanto mais nos conserva incólumes quanto menos confiamos em nenhum antídoto ou poder humano, mas só no Senhor Jesus, que unicamente pode fazer que andando sobre cobras não recebemos mal algum. Há também outras à maneira de pequenos escorpiões, que se alojam em certos montículos de terra feitos pelas formigas, e a que os índios chamam bóiquiba, que quer dizer “pés pequenos de cobra”, de cor vermelha, pouco maiores do que pequenas aranhas. Têm duas cabeças como os caranguejos, cauda recurvada, na qual há uma unha adunca com que picam, não matam, mas causam agudíssima dor que para passar requer nada menos que o espaço de vinte e quatro horas.

As serpentes venenosas, possíveis de se identificar pela descrição do texto, são as seguintes: jararaca (*Bothrops jararaca*), comum em toda a região, na verdade em todo o Brasil; a cascavel (*Crotalus durissus terrificus*), que possui um chocalho na cauda, formado pelas ecdises ou mudas de pele que faz durante sua vida, e a cobra coral verdadeira (*Micrurus* sp.), que tem o hábito de se esconder no folhicho da mata e embaixo de paus e pedras. Em relação às serpentes não venenosas, o texto cita a boipeva (*Xenodon merremii*), que tem o hábito de achatar a cabeça e o pescoço como forma de defesa.

16. Há outro animal (que os índios chamam aîg e nós preguiça, por causa da sua excessiva lentidão), na verdade preguiçoso, mais vagaroso que um caracol. Tem o corpo grande, de cor cinzenta, cara que se assemelha um tanto a rosto de mulher,

longo braços munidos de unhas também compridas e recurvadas, com que o dotou a natureza para subir a certas árvores, de cujas folhas e rebentos tenros se alimenta, no que gasta boa parte do dia. Não é fácil dizer quanto tempo demora em mover um braço; e em subindo fica lá até esgotar a árvore toda; depois passa a outra, às vezes, mesmo antes de chegar ao cimo, e agarra-se com tantas força ao tronco da árvore que não é possível arrancá-lo senão cortando-lhe os braços.

Há outro semelhante a uma raposa pequena (que os índios chamam sariguéa) que cheira muito mal e gosta muito de comer galinhas. Tem no baixo ventre um saco, aberto de cima para baixo, onde se escondem as tetas, e quando pare, as crias entram neles, pega-se cada qual a sua teta, e nunca mais saem senão quando já não precisam do auxílio da mãe e podem estar em pé e caminhar por si. (As gambás foram muito caçadas na Sapiatiba.)

Há também uns animais pequenos do gênero dos ouriços cobertos de cerdas compridas e muito agudas, na maior parte descoradas, negras na ponta, as quais quando tocam alguma coisa, sobretudo carne, penetram pouco a pouco sem ninguém as empurrar, das quais se costumam servir as mulheres brasis para furar as orelhas evitando a dor. Eu vi um couro dobrado, de não pequena espessura, furado de lado a lado, no espaço de uma noite, por uma cerda destas que por si mesma entrou.

As preguiças-comuns (*Bradypus variegatus*) ainda aparecem nas matas da região e adoram se alimentar dos frutos da embaúba. Já o animal mal-cheiroso citado no texto é o gambá (*Didelphis* sp.), animal comum e muito caçado na região. O animal com espinhos é o ouriço-cacheiro (*Sphiggurus insidiosus*). Como os dois citados acima, é um mamífero que, apesar dos espinhos, é tímido e gosta de se alimentar de frutos.

A Apa de Sapiatiba vem sofrendo com a ocupação desordenada, com o desmatamento, caça (para venda e consumo) e introdução de espécies exóticas (como animais domésticos e micos *Callithrix jacchus*). Os tatus, citados no texto, ainda são caçados. Desta forma, a biodiversidade desta região está seriamente comprometida. Já não se encontram várias espécies, antes comuns, como veados, porcos silvestres e gatos-do-mato. Os gaviões, corujas buraqueiras e jacus, comuns na Sapiatiba até uns 10 anos atrás, estão ficando escassos e quase já não se vê. Até mesmo os jacarés (*Caiman* sp.) já se foram. Com esta redução de fauna, e dos predadores de topo de cadeia, intensificam-se o desequilíbrio e a descaracterização dos ecossistemas locais.

17. Os macacos vivem sempre nos matos, saltando em bandos pelos cimos das árvores, onde se, por causa da pequenez do corpo, não podem saltar duma árvore a outra, o maior é como chefe do bando, agarra-se de cauda e pés a um ramo curvado, pega outro com as mãos faz de si mesmo caminho e como ponte para os restantes, e



Mico estrela
(*Callithrix jacchus*)

assim todos passam com facilidade. As fêmeas têm as mamas no peito como as mulheres, e com as crias pequenas sempre pegadas às costas e aos ombros vão de um lado para o outro, até elas poderem andar por si. Contam-se delas coisas maravilhosas, mas incríveis, e por isso as omito.

Existe a possibilidade da ocorrência de micos-leões-dourados (*Leontopithecus rosalia*) na APA de Sapiatiba, mas durante esta pesquisa não houve avistamento e registro fotográfico, apenas relatos falados de moradores da região.

18. Há outro animal, bastante freqüente entre nós (que chamam tatu), que vive pelos campos em cavidades subterrâneas, na cauda e na cabeça quase sempre semelhantes a largados, tem o corpo coberto por cima duma concha muito dura que as flechas não atravessam, muito parecida à armadura do cavalo. Para se defender escava a terra com grande rapidez. Os veados são de dois gêneros, uns armados de chifres como os da nossa terra, e estes raros; outros brancos, sem chifres, que nunca entram nos matos, mas sempre pastam em bandos pelos descampados. Há grande quantidade de gatos monteses, ligeiríssimos, gamos, porcos bravos, várias espécies.

Há outra ave semelhante ao corvo, mas bico de pato, que mergulha nos rios, e fica muito tempo debaixo da água a comer peixes. Há ainda outra, de corpo pequeno; quando bate faz tanto barulho que parece árvore a cair no chão. Há ainda uma ave marinha, por nome guará, igual ao mergulhão, mas de perna mais comprida, de pescoço igualmente longo, de bico estendido e adunco. Alimenta-se de caranguejos e é muito voraz. Na primeira idade reveste-se de penas brancas, que se mudam depois em cor cinza, e passando algum tempo, tornam a embranquecer, embora de menor alvura que na primeira idade, e por fim, ornem-se de cor purpúrea, belíssima; as quais os brasis muito apreciam, pois com elas enfeitam os cabelos e braços em suas festas.

Há também outra ave marinha, parecida com a adém, que tem no lugar das asas pequenos membros cobertos de lanugem macia, e as patas quase na cauda, de maneira que não podem sustentar o corpo e servem só para ela nadar, pois não pode voar nem caminhar. Há muitas aves de rapina, algumas de corpo tão grande que matam veados e os despedaçam, mas sobretudo uma, a qual como principal, quando está no ninho, não só os pais, que dela têm particular cuidado, mas também todas as mais aves de rapina trazem sustento; e também tem isto, que se passar fome muitos dias nenhum mal recebe. De outra, também das de rapina, soube que, não há muito, no cimo duma árvore estando no ninho a criar os filhos, subindo um caçador para os apanhar, não fugiu, mas abrindo as asas para proteger a prole, ficou imóvel, preferindo antes ser tomada que abandonar os filhos. Há outra, que se chama anhíma, de grande corpo;

quando grita parece o zurrar dum burro; em cada asa tem como que três pontas, e uma também na cabeça, iguais aos esporões dos galináceos, mas muito mais duros. Quando os cães a atacam, embora a grandeza do corpo a não impeça de voar, ela armando as asas fere-os gravemente e os afugenta. Há do mesmo modo galinhas do mato de três gêneros, perdizes, faisões, e outras aves todas cor de púrpura outras verdes, outras esbranquiçadas, notável pela multiplicidade e variedade de cores.



Foto Dalva Mansur

Guará comendo caranguejos

A ave citada acima, anhima, é do gênero de aves anseriformes anhimídeas, comuns dos pântanos e banhados da América tropical e subtropical. Este gênero só possui uma espécie, *Anhima cornuta*, que possui o dorso e o peito pretos. Esta ave possui um espinho na testa, esporão no punho das asas e dedos longuíssimos. Existe uma crença de que o espinho da testa e os esporões das asas protegem contra veneno e mau-olhado, o que levou ao aumento da caça desta ave, com o objetivo de extermínio.

Em relação às aves da APA de Sapiatiba, segundo Maurício Vecchi e Marco Antônio Guimarães, da ONG Pingo d'Água, na região da APA ocorrem três espécies de urubus (*Coragyps atratus*, *Cathartes burrovianus* e *Cathartes aura*). Estas aves se alimentam de carniça. Em relação às espécies insetívoras, são encontradas as seguintes aves: tachuri-campainha (*Hemitriccus nidipendulus*), endêmica da Mata Atlântica, que ocorre na serra e próximo a Lagoa de Araruama (Morro do Governo); capitão-do-mato (*Notharchus macrorhynchus*), que ocorre na floresta da serra; andorinha-doméstica-grande (*Progne chalybea*) e o andorinhão-de-coleira (*Streptoprocne zonaris*).

Na Sapiatiba também ocorrem espécies de aves polinizadoras e dispersoras, segundo os autores acima. As polinizadoras são: tesourão (*Eupetomena macroura*), espécie comum no Brasil e o besourinho (*Phaethornis idaliae*), rara espécie de beija-flor, que ocorre na costa do Rio de Janeiro até à costa da Bahia.

Os dispersores de sementes (ou seja, que se alimentam de frutos) são: sairá-sapucaia (*Tangara peruviana*), endêmico à faixa costeira do sudeste brasileiro que se encontra em perigo de extinção, e o tangará-de-cabeça-branca (*Pipra pipra*).

Bencke et al. (2006) cita a ocorrência da espécie *Formicivora littoralis*, o formigueiro-do-litoral, um papa-formiga endêmico das restingas do complexo da Lagoa de Araruama. Este endemismo, em uma área tão restrita, reforça ainda mais a necessidade de preservação do remanescente da Restinga de Massambaba, que sofre fortes pressões antrópicas pela especulação imobiliária, crescimento do turismo e ocupação desordenada e irregular.

Hoje temos menos de 7% da Mata Atlântica, bioma este em que a APA da Serra de Sapiatiba está inserida, com todas as suas qualidades e carências. Assim, conservar a Mata Atlântica, conviver e dela tirar condições para um desenvolvimento sustentável é responsabilidade de todos nós. Por isto, neste ano contamos a história e lançamos o mapa dos Caminhos da Companhia de Jesus. O IPEDS espera mostrar a todos - moradores e viajantes que por aqui passam - a importância histórica desta nossa Serra, e também contar cada vez mais com parceiros deste trabalho, e em outros que estão por vir, para que possamos cada vez mais Conhecer para Preservar.

Encontrando animal silvestre, vivo ou morto, ligue para o IPEDS ou vá até a sede na estrada da Flecheira. Assim poderemos identificá-lo para conhecer melhor o que resta desta fauna na região. Você estará contribuindo para a conservação da fauna silvestre brasileira.

Foto Jorge Augusto Faria (colaborador)



Bibliografia:

BENCCKE, G.A.; Mauricio, G. N.; Develey, P.F. e Goerck, J.M. (orgs). 2006. Áreas Importantes para a Conservação das Aves no Brasil: parte 1 – estados do domínio da Mata Atlântica. São Paulo: SAVE Brasil; 494p.

LAMEGO, Alberto – A Terra Goytacá – à luz de documentos inéditos, Edition D'art – Paris -1913.

Reis, N. R.; Peracchi, A. L; Pedro, W. A. e Lima, I. P. (Eds). 2006. Mamíferos do Brasil. Londrina; Paraná; 437p.

VIOTTI, Pe. Hélio Abranches, S.J. – Cartas – Correspondência Ativa e Passiva do Padre José de Anchieta, S.J. – Edições Loyola São Paulo 1984.

Conclusões

A presença da história no dia-a-dia da Região dos Lagos e da Serra de Sapiatiba

Dalva Rosa Mansur

O trabalho que realizamos foi muito pequeno em relação a tudo que ainda se pode levantar sobre a presença do Jesuítas na região dos Lagos. A história está presente em cada local que passamos e na memória das pessoas com quem conversamos. Ao refazer o traçado que vai da igreja de São Pedro da Aldeia, através da APA da Serra de Sapiatiba, caminhamos para a Fazenda Campos Novos e encontramos comunidades Quilombolas - Botafogo e Preto Forro, estas já registradas. Seguimos o caminho em direção à lagoa de Juturnaíba, para daí irmos até Cachoeiras de Macacú.

Durante o levantamento bibliográfico percebemos o estudo de um aluno nosso do Pós Graduação do Cefet, engenheiro Paulo Afonso de Sá Freire, sobre uma comunidade de agricultores que faziam agricultura natural. Ao lermos as fichas do grupo, percebemos a presença de um quilombo, e fomos então encontrar a comunidade Quilombola de Sobara (que dizer “altar do rei”) bem junto ao rio São João, onde está hoje a Lagoa de Juturnaíba.

A comunidade de Sobara

Esta comunidade quilombola ainda não estava registrada, e o IPEDS solicitou e obteve o Registro junto à Fundação Palmares. Hoje as famílias do Sobara já estão com o processo iniciado no INCRA para regularização de suas terras, graças ao empenho do Sr. Celso Souza e Silva, Assegurador de Quilombos.

Também o IPEDS já elaborou e está enviando o projeto de melhoria da casa de farinha, e de um livro sobre a história do grupo.

Uma coisa aprendemos: encontramos com pessoas, todos agricultores, com uma organização familiar tradicional, modelo de respeito aos mais idosos e de proteção para as crianças, difícil de encontrar nas grandes cidades.

Tivemos oportunidade de saber através da história oral, contada por dona Creusa, segunda esposa do Sr. Narciso (mais velho de todos no local - ambos estavam viúvos e então se casaram) que o rio São João foi retificado por causa da malária que grassava em toda a região.

Dona Creusa nos contou:

- Eu vim da Bahia para cá em 1966/67, não nasci aqui. Meu marido, Sr. Adalvino, já falecido, veio para trabalhar. Eu acabei trabalhando também pois fazia a coleta de material para análise do sangue para saber se as pessoas tinham malária, e também acabei colocando o Mobral aqui, pois não havia escola e ninguém sabia escrever. Fui a primeira professora da região.

- Todas as noites eu rezava pedindo que meus filhos não contraíssem malária.

- Quase todos os dias alguém me procurava, dizendo - fulano está com febre desde o meio dia. Febre do meio dia é febre de malária. E lá ia eu com o remédio e a lâmina para tirar sangue para confirmar a doença.

Outro fato interessante: conversando um dia com o Sr. Narciso, resolvi perguntar se ele ouvira falar do Ururdú. Então ele me respondeu.

- Urutú, aquele bichão enorme que vivia na lagoa? Nós chamávamos de jacarétinguá, e os antigos de Urutú. Ele fazia um ronco como um trovão. Uma vez eu estava na beira do rio com outros jovens, era época da piracema e o rio estava cheio de peixes, fomos pescar. Aí ... então ouvimos o barulho do trovão, uma, duas vezes, e corremos, corremos muito até não sermos mais alcançados por ele.

- Ele era muito perigoso e grande, roncava como um trovão, comia tudo que via pela frente.

Veja como o relato é bem parecido com a sensação descrita pelo Padre pelo menos há três séculos atrás, no texto encontrado na Academia dos Renascidos. E citado na página 36 do texto dos Animais Silvestres.

Este fato confirma a história e demonstra que o jacaré só desapareceu com a construção da barragem.

Conhecer as famílias do Sobara foi para nós antes de mais nada uma felicidade, pois com elas encontramos, além de novos amigos, um pouco mais da nossa história.

Encontro com a arqueologia

Também encontramos em outra oportunidade outros tipos de achado. Desta vez não foram pessoas, vivas, mas sítios arqueológicos, onde urnas indígenas atestam a presença das populações que antigamente habitavam nossa terra. Eram os Tamoios e os Goytacazes.

Urna indígena - ver partes de ossos e crânio.



Foto Dalva Mansur



Urna encontrada dia 9 de dezembro de 2006 pelo grupo que fez a caminhada da Flecheira.

Uma das atividades do projeto é a mobilização da população local através das associações de cada unidade de conservação. Na Sapiatiba um grupo resolveu que queria olhar de forma diferente a bacia do Rio Flecheiras, e então foi marcada uma caminhada dia 9 de dezembro de 2006 pela estrada da Flecheira como comemoração de um ano do Conselho Gestor da APA da Serra de Sapiatiba.

Estavam conosco a diretora da escola Elizio Paiva Profa. Rise, a vice presidente da AMAFLEX (Ass. Moradores da Flecheira) dona Guilhermina, o Sr. Paulo Barbudo, Presidente da Associação da Sapiatiba, e mais 25 pessoas, inclusive uma amiga da APA do Pau Brasil Carmen, que veio conhecer a Sapiatiba, e a Profa. Kátia Mansur do DRM - RJ. O grupo se dispôs a caminhar olhando o caminho de forma mais apurada, e foi exatamente o que ocorreu. Nós encontramos duas urnas indígenas no centro da estrada.

Logo na semana seguinte a Professora Kátia estava avisando ao IPHAN e ao INEPAC sobre o achado, e assim mais um mês e lá estávamos nós com arqueólogos escavando para a retirada dos restos mortais de um índio que disseram ser Goiytacáz. Como se negaram a dar informação por escrito, o que pedimos gentilmente, fica então aberta a porta para que mais tarde voltemos ao assunto de outra forma.

A mesma urna já aberta
pelos arqueólogos



O fato foi inclusive muito interessante. As urnas expostas no centro da estrada precisavam ser retiradas, mas o grupo se entusiasmou e começou a entrar mata adentro. Solicitamos, então, um plano de escavações. Não apresentaram e depois foram embora.

Na mesma semana fomos alertados por uma senhora em outro local fora da Flecheira, da existência de urnas em seu terreno o que vamos ainda confirmar onde ficam. São de outra área, mas ainda no mesmo caminho percorrido pelos Padres da Companhia.

O IPEDS está solicitando o auxílio do Instituto de Arqueologia do Brasil para orientar as atividades que possam vir a ocorrer no âmbito da arqueologia.

Alguém já disse que o Caminho se faz caminhando, e é o que estamos fazendo. O IPEDS não vai parar por aqui, o caminho não está todo feito, não o será nunca, pois foi um caminho trilhado durante duzentos e dez anos - tempo em que a Companhia de Jesus esteve em nosso País.

Também me emocionei muito quando um dia, ao subir em uma pinguela no Parque Nacional da Serra dos Órgãos, durante um treinamento que fizemos com o PDA- MMA, percebi que estávamos exatamente no ponto em que um Jesuíta deixou escrito.

Ao subir até a serra e ao olhar na direção do pôr do sol vimos o Rio Parayba. Partimos naquela direção, lá foram encontrados os índios gessarussus.

Hoje, da frente do Parque Nacional da Serra dos Órgãos parte a estrada que liga Teresópolis (RJ) até Além Paraíba (MG) na margem do Rio Paraíba do Sul.

Na verdade considerando o passar do tempo, a estrada asfaltada, os carros, a poluição, os desmatamentos, podemos perceber uma coisa muito maior que tudo isto.

Ali estava eu na mesma posição em relação ao Sol e ao Rio Paraíba, que continua a correr no mesmo leito. Ali estava o olhar de alguém muito pequeno e humilde diante de toda esta maravilhosa criação de Deus que é a Serra do Mar - uma parte do nosso planeta, e que, procurando sempre mais e mais vai caminhando na direção de encontrar algo de novo, em favor de outros homens, que justifique a sua presença neste planeta, e dê sentido a vida que é uma dádiva, que cada um de nós recebeu de Deus criador do céu e da terra.

Como no primeiro livro da Serra da Sapiatiba, resolvemos procurar um texto que nos foi inspirado pela natureza. E nos lembramos deste que fizemos no alto da Serra do Mar, junto à pedra Riscada, onde também existe um caminho chamado pelos locais de Caminho dos Padres, em Lumiar.

Montanha e Nascente

Olho através das montanhas,
E vejo a história
Que sai de suas entranhas,
Vejo índios e padres,
Vejo rios e frades,
Um dá nome ao outro,
Um determina o destino do outro.
Dominado e dominante,
Ambos presos e possuídos
Como dois dependentes
De um mesma vida.
Escuto as torrentes,
Vejo as nascentes...
Que falam, contam
Como se fazem correntes
De história que há muito não contam...
Mostram seus veios, estranhos,
Rasgam nascentes nas entranhas,
Falam da história da mata...
Mas só falam a quem os sentem
Ao som do vento que passa
Na brisa que sopra a semente
Que brota, floresce, renasce,
Para sempre, para todos,
Esta é a história ...de sempre.

Dalva Mansur 2007



Sumário

Editorial	01
Introdução	02
Caminho dos Jesuítas na Região dos Lagos	03
A Companhia de Jesus	06
A Companhia de Jesus no Brasil	07
Padres da Companhia	13
A importância de Cabo Frio para a segurança da Província do Rio de	18
Janeiro	
A Morte dos Tamoios	19
Fundação de São Pedro de Cabo Frio	22
A Construção da Igreja de São Pedro	25
A Fazenda Santo Inácio dos Campos Novos	28
Bibliografia	32
Animais Silvestres encontrados na Sapiatiba hoje e o que conta a história	33
Bibliografia	42
Conclusões - A presença da história no dia-a-dia da Região dos Lagos e na	43
Serra de Sapiatiba	
Encontro com a arqueologia	44

Tabela de Conversões de Medidas antigas e modernas

De acordo com os dados do Dicionário Aurélio e do site www.amcruzero.pt

Conversando com inúmeros técnicos que realizam medições, verificamos a dificuldade de conversão de medidas antigas de algumas escrituras. Então, como no próprio livro nos referimos a estas medidas, resolvemos ampliar a informação e coloca-las ao dispor de nosso leitor. Desta forma, o IPEDS espera colaborar mais uma vez com todos aqueles que nos prestigiam com sua leitura e apoio aos nossos projetos.

Metros	Braça	Braça antiga
1	0,54644	0,454
1,83	1	-
2,2	-	1

Metros	Milhas	Graus
1852	1	1/60 do grau
1	0,53995680	
1,852	1	

Km	Léguas	Léguas de costa
1	0,1818	0,153846
5,5	1	-
6,5	-	1

Cm	Polegadas
1	0,393
2,54	1
Metros	Pés
0,3048	1
1	3,2808

Metros	Grau de circunferência (fora do Equador)
111.111,111	1

* No Equador são acrescentados 75 Km

Km/hora	Nós
1,852	1
1	0,5399680